

a fórmula feminina
para o amor
as cientistas secretas de londres #1
elizabeth everett

Tradução de Fernanda Semedo

Para o meu marido, um herói romântico da vida real.



1



Londres, 1842

Só depois da segunda explosão é que Violet começou a preocupar-se. Tendo-se já retirado para dormir, chamado a criada e servido de um copo de brande, Violet Hughes, ou *Lady Greycliff*, decidiu ignorar o primeiro estrondo. Tentou ignorar também o segundo, até imaginar a reação da governanta.

Violet pagava à Sra. Sweet uma pequena fortuna para limpar uma variedade surpreendente de compostos químicos das paredes, soalhos e mobiliário da sua casa, Beacon House, e da propriedade adjacente. Não tinha tempo nem vontade de correr as Ilhas Britânicas em busca de outra governanta que conseguisse remover marcas de queimaduras das madeiras de damasco.

A *terceira* explosão, contudo, fez Violet sair do quarto a correr e descer as escadas das traseiras.

Com ligação à Beacon House, o que antes fora uma série de anexos era agora um edifício cuja entrada principal se localizava na rua paralela. Depois de afundar a maior parte do seu dinheiro na construção daquele acrescento, Violet criara o primeiro clube social feminino de Londres, o Retiro de Atena. Ainda mais estimado, era o clube dentro do clube. O público pensava que o Retiro era um ponto de encontro para senhoras com um interesse passageiro pelas ciências naturais. Por trás das portas fechadas, contudo, estas mesmas senhoras faziam descobertas que permitiam avanços no campo da matemática, da biologia e da química, entre outros.

Descobertas barulhentas e com muito fumo.

Diante dela, a espessa porta de carvalho que dava para o corredor de ligação estava aberta, revelando o primeiro piso de laboratórios secretos do clube. Um cheiro a enxofre e queijo pairava no ar, juntamente com uma perturbadora quantidade de fumo verde.

— Não há razão para alarme — gritou uma voz rouca, seguida de um ataque de tosse. — Fiz um cálculo ligeiramente errado. Nada de preocupante.

Violet amaldiçoou a sua sorte quando Mildred Thornton e a sua parceira, Wilhelmina Smythe, emergiram da sala onde o fumo era mais espesso. As duas senhoras, carinhosamente conhecidas como Milly e Willy, tinham jurado abandonar as experiências com compostos líquidos instáveis.

— Disseram-me que estavam a investigar as propriedades de pós — gritou Violet. — Como é que conseguiram criar uma explosão a partir de talco?

— *Ups*. Dissemos pó de *talco*? Perdão — disse Milly roucamente. Um fino véu de fuligem escurecia-lhe o cabelo prateado e instalara-se, como contas pretas, nas suas sobranceiras.

— É toda a espécie de pós, querida — acrescentou Willy. Trinta centímetros mais alta que Milly e com metade da sua largura, sacudiu uma nuvem de cinzas das saias. — Pó de talco, pó de arroz... — Baixou a voz e encontrou algo interessante para examinar na proximidade dos sapatos. — Pólvora...

Violet ajudou Milly a sacudir algumas cinzas do enchumaço da manga esquerda.

— Seja como for, onde é que tinham a cabeça? — resmungou.

— No avanço que aqueles insuportáveis italianos da Universidade de Turim já terão feito no desenvolvimento da piroglicerina — explicou Milly. — Apesar de não podermos partilhar o nosso trabalho com o mundo, alguns homens conhecem a nossa pesquisa e levam-nos a sério. A Inglaterra não se pode dar ao luxo de ficar para trás nesta área.

A voz da Sra. Sweet podia agora ouvir-se por cima do barulho, o seu cadenciado sotaque ocidental suavizando a severidade das ordens de evacuação gritadas. Abriram-se portas ao longo do corredor e mulheres emergiram dos seus laboratórios em vários estágios de excitação. Muitas usavam aventais de lona sobre os vestidos, algumas tinham grossas luvas almofadadas.

— Temos de nos ir embora? O meu trabalho está num estágio complicado — queixou-se uma mulher de aspeto delicado, vestida com um modesto mas exemplarmente confeccionado vestido de lã azul. — Quem é que foi desta vez?

— Letty. — Violet cumprimentou a matemática baixinha. — Ajuda-me a tirar toda a gente dos laboratórios para os salões públicos, onde poderemos decidir o que fazer.

A menina Letitia Fenley, secretária do clube Retiro de Atena, pôs-se imediatamente ao trabalho, e Violet enviou para os céus uma prece de agradecimento pela sua eficiência.

Vinte minutos depois, Violet estava na área comum do clube. A sua decoração era semelhante à dos clubes masculinos de St. James's Street. A metade inferior das paredes estava revestida a carvalho e a superior fora pintada de um vistoso vermelho-escuro. Num extremo da sala, um lume ardia numa grande lareira emoldurada por uma cornija de mármore raiado.

— Se puder ter a vossa atenção — pediu Violet.

Cerca de vinte mulheres, que iam dos 18 aos 85 anos, viraram os rostos para Violet. Apesar das circunstâncias, o seu orgulho e alegria por aquilo que haviam criado ali animaram-lhe o espírito. Aqueles membros do verdadeiro Retiro de Atena tinham jurado segredo — ligados por um conjunto de regras que incentivavam a partilha de conhecimentos e a proteção mútua.

A bolha de felicidade de Violet rebentou quando viu a Sra. Sweet de braços cruzados e lábios cerrados, num beicinho reprovador. Violet arriscou um aceno hesitante na direção da governanta.

A Sra. Sweet não correspondeu ao aceno.

Raios.

— Tivemos um pequeno acidente esta noite — anunciou Violet.

— Queres dizer que a Milly e a Willy voltaram a fazer das suas. — Uma voz seca e sofisticada interrompeu os murmúrios divertidos.

— Hum-hum. — Violet pigarreou e lançou um olhar de aviso à autora do comentário, *Lady Phoebe Hunt*. Violet tinha esperança de evitar uma discussão sobre a propensão de Milly e Willy para causar danos. — Um benefício de o Retiro de Atena estar ligado à minha casa, é a possibilidade de fingir que alguns dos fenómenos que aqui ocorrem tiveram origem na minha cozinha.

— A cozinheira não vai gostar disso — notou Letty.

— Obrigada pela lembrança — disse Violet. — Enquanto presidente do clube, delego em ti a elaboração de uma explicação alternativa para o barulho e o registo da explosão no diário do nosso clube.

Letty pestanejou, consternada, mas Violet tinha outras preocupações.

— Temos de terminar as nossas atividades mais cedo esta noite — continuou ela. — Caso contrário, arriscamo-nos a expor a verdade do que acontece nos bastidores dos salões públicos.

— A ameaça de explosão está debelada? — *Lady* Phoebe inclinou-se e pontapeou com uma bota cara um banco, apontando na direção de Milly. — Não quero o meu trabalho queimado por causa dessas duas imprudentes...

— Imprudentes? Queres dizer *brilhantes* — disse Willy. — Um dia, o nosso trabalho vai mudar a economia de toda a Inglaterra. — O esvoaçar da touca, que pendia de um lado do rolo de cabelo no cimo da sua cabeça como uma bandeira chamuscada, sublinhou a indignação de Willy, que gesticulava enfaticamente. — Tu, em vez disso, preferes figurar nos boletins de mexericos a terminares o teu trabalho. Ainda não vi qualquer progresso naquilo a que chamas processo de eletrólise.

Violet interrompeu a conversa antes que esta se transformasse numa discussão interminável.

— Seja como for, podemos suspender qualquer experiência que constitua perigo de explosão? Por favor, lembrem-se de que apresentaremos o nosso primeiro evento público dentro de um mês. A menina Fenley anunciou-o como Uma Noite de Educação e Elucidação.

— Que terrivelmente aliterativo — disse Phoebe.

— É Uma Noite de *Entretenimento e Edificação* — corrigiu Letty.

— Ainda pior — sussurrou Milly.

Violet tirou um momento para suavizar as suas feições e assumir a expressão branda de uma senhora.

— Temos muito a ganhar em recrutar mais membros para o nosso clube, e tudo a perder se nos tornarmos objeto de ridículo. Para esta noite, uma saída discreta será o melhor. Podemos começar pela *Lady* Phoebe?

— Discrição poderá não estar nos planos — disse Letty. — Parece que há uma série de repórteres lá fora, à espera da *Lady* Phoebe. Algo relacionado com uma aposta com Lorde Henderson?

— Ele estava a atormentar a Althea Dertlinger — explicou Phoebe, simulando inocência. — Apenas apostei que conseguia encaixar completamente a minha bota no seu...

— Foram tão barulhentos que os vizinhos alertaram o vigilante — disse Letty, dirigindo-se a Violet. — Quando pedi ao Winthram que nos chamasse carruagens, ele relatou que se tinha reunido uma multidão à entrada. Entre eles está o teu enteado, Lorde Greycliff.

Raios ao quadrado.

Dúzias de mulheres rodearam Violet, que as conduziu ao bengaleiro, onde Winthram, o porteiro, as ajudou com os casacos e as toucas. Do outro lado da porta do clube, a multidão de repórteres esperava que ela e Phoebe aparecessem. Quando a noite terminasse, mais corpos a envolviam, enquanto as criadas a preparavam para dormir.

Contudo, no meio de tanta gente, Violet Hughes nunca se sentira tão sozinha.

Arthur Kneland queria estar sozinho.

No seu género de trabalho, uma multidão era o inimigo supremo. Os candeeiros a gás naquela pequena rua à saída de Knightsbridge mal iluminavam o passadiço de madeira que ligava os edifícios. Sombras grandes e atarracadas entrelaçavam-se com a massa de figuras em movimento à sua volta.

Lufadas de ar com cheiro a enxofre vinham da casa, enquanto uma procissão de senhoras saía do edifício.

— Não era assim que imaginavas a tua primeira noite num emprego privado, pois não? Passaste de proteger os chefes de Estado à proteção da minha madrastra.

William Hughes, ou Visconde de Greycliff — Grey, para os amigos — golpeou o estrado com a sua bengala de castão dourado enquanto falava. Poder-se-ia pensar que usava bengala por simples afetação. Por experiência, Arthur sabia que no seu interior havia uma adaga e Grey era capaz de a utilizar.

Trabalhavam ambos para um pequeno grupo secreto que respondia ao gabinete do primeiro-ministro, cuja tarefa era levar a cabo operações sensíveis. Em situações em que seria politicamente incorreto o envolvimento oficial do governo britânico, Grey desempenhava o papel de um nobre indolente, enquanto recolhia informação.

Arthur raramente trabalhava com outros agentes. A exceção, uma maldita noite em Bruxelas com Grey — que incluía o envenenamento de um adjunto do Grão-Duque Guilherme, o resgate de duas

meretrizes trancadas na carruagem pessoal do Príncipe Frederico, um tiroteio e uma sessão de bebedeira com a orquestra do Teatro Real —, resultara no mais próximo que Arthur alguma vez chegara de uma amizade.

— Proteger uma viuvinha é, de facto, uma mudança de ritmo — disse Arthur, pensando nas tais meretrizes e nas quantidades copiosas de mau vinho que eram capazes de beber.

O seu comentário foi respondido pelo silêncio. Grey estava distraído por uma loura pequenina, encarregada da partida das senhoras.

— É curioso como o caos parece seguir no rasto de algumas mulheres — murmurou Grey.

Verdadeiro caos.

— Já mencionei que estou ansioso por uma vida mais calma, não é verdade? — disse Arthur.

Grey fez uma careta.

— Esta noite é uma exceção. Além disso, o pagamento é quatro vezes superior ao que receberias ao serviço do governo de Sua Majestade por uma tarefa similar. És a última pessoa que esperava ver a acabar os seus dias como um rústico, mas se queres comprar essa quinta de que sempre falas, vais precisar de uma quantia choruda. Olha, não é tão mau como o ano em que o PM te mandou para a América.

Arthur estremeceu.

Americanos. Ruidosos, extremamente parciais e amigáveis até um grau desconfortável. Arthur não tinha utilidade para essa camaradagem fácil. Não fazia sentido ter amigos numa profissão onde as pessoas passavam o tempo a ser atingidas a tiro ou a disparar contra alguém.

— És o melhor guarda-costas que tenho — continuou Grey — e tenciono espremer-te o mais possível antes de desapareceres para sempre nas regiões inóspitas das Highlands. Pagar-te-ei o suficiente para começares uma nova vida, se me fizeres este pequeno favor.

Uma nova vida. As palavras enervaram Arthur. «Nova» vida significava melhor, não era? Sim, ele sempre quisera viver o resto dos seus dias numa quinta. Tinha dito essas palavras tantas vezes que elas se haviam desconectado da realidade.

Estava na hora de as tornar reais.

Arthur considerou a cena diante deles.

— De certeza que queres que eu faça este trabalho? É a primeira vez em vinte anos que volto a Inglaterra. As pessoas têm uma grande

memória para os escândalos. O que é que acontece se alguém me reconhecer? Podes ter mais a perder do que a ganhar.

Enquanto falava, Arthur examinava a multidão. Havia algo de errado.

— Preocupas-te demasiado. Termino o trabalho no Norte dentro de um mês. Além disso, o escândalo tem duas décadas. Desde então, protege alguns dos homens mais poderosos e influentes do mundo. — Grey deu uma palmada no ombro de Arthur. — *Lady Greycliff* é-me especialmente querida. Confio em ti.

Arthur livrou-se do toque casual, esperando ser digno dessa confiança. Aos 40 anos, desempenhara dezenas de missões, e apenas falhara uma vez.

Uma vez fora demasiado.

A porta da casa abriu-se e a viscondessa saiu, chamando a atenção dos repórteres. Ele não conseguia distinguir os pormenores das suas feições àquela distância, mas sabia que era linda, da mesma maneira que sabia que o repórter mais próximo dela tinha tuberculose, que as senhoras despenteadas e chamuscadas que partiam numa carruagem de aluguer voltavam a casa, onde partilhariam da mesma cama, e que o porteiro que a acompanhava à porta não era tudo o que parecia.

— Estou demasiado velho para isto — murmurou ele, mais para si mesmo do que para Grey. — Depois desta comissão, acabou-se.

Arthur deu um passo em frente enquanto a senhora descia as escadas, rindo-se de algo que um dos homens diante dela dissera. Sob o volumoso xaile, tinha uma figura arredondada — ancas suavemente curvas e um traseiro generoso — e os seus caracóis estavam desalinhados como se tivesse acabado de se levantar da cama. A imagem abalou-o.

— Prometo, Arthur — disse Grey —, que esta será a missão mais fácil que alguma vez cumpriste. Nem perceberás que estás a trabalhar. De facto...

Arthur nunca soube o que Grey ia dizer. Estava a correr diretamente para a senhora, que se detivera no estrado, por baixo de uma janela do primeiro andar.

Ultrapassando a multidão de repórteres, Arthur pôde finalmente ver a cara dela. Compridas e espessas pestanas pretas abriam e fechavam, revelando olhos castanho-escuros como café. Mais baixa do que os homens que a rodeavam, tinha de empinar o seu perfeito queixo pequenino enquanto trocavam piadas. Os seus lábios eram da cor de ameixas maduras e provocaram-lhe um surpreendente impulso de luxúria.

O mundo estava cheio de mulheres mais bonitas do que Violet Hughes. Arthur tinha conhecido algumas, dormido com algumas, e recebido um grave ferimento na cabeça, feito por uma. Nenhuma lhe causara uma atração tão instantânea e primitiva.

Nesse momento, uma explosão estilhaçou as janelas do segundo andar e Arthur saltou a distância de meio metro que os separava. Calculando a força necessária, protegeu-lhe o corpo sem a magoar quando caíram ao chão.

Só não contava com a feíssima poltrona que voou pela janela, desfazendo-se em pedaços a centímetros da sua cara e fazendo voar lascas. O caos irrompeu em volta deles.

Não via o momento de se tornar um rústico.

2



Depois do ritual noturno de brande e um banho, seguido por uma viagem para a cama vazia, Violet concluía a sua rotina com um último passo. Imaginava alguém a subir para a cama do outro lado, soprando a vela e tomando-a nos braços antes de adormecer.

Estas visitas noturnas permaneciam firmes na sua cabeça. O falecido marido de Violet acreditava que o apetite físico era inapropriado e desagradável numa senhora. Embora ela suspeitasse de que não era sempre o caso, nunca procurara um amante na vida real para provar que ele estava errado. A sua reputação era demasiado importante para o futuro do Retiro de Atena.

Pior ainda, e se ele tivesse razão?

Em todas aquelas noites solitárias, Violet nunca conjurara um par de braços que a rodeassem como aquele homem o fazia agora. A sensação de um corpo quente e sólido de encontro ao seu desconcertou-a mais do que o caos e os estilhaços de vidro e madeira. Ouvia solas de sapatos a passar junto dela; a toda a volta, as vozes erguiam-se em gritos zangados e assustados.

Nada a incomodava.

Ela estava segura.

Não por o homem que a segurava ter dito aquelas palavras roucas ao seu ouvido, apesar de ter sido deliciosa a forma como os seus lábios lhe tinham roçado o lóbulo. Não. Algo mais lhe dissera que tudo ficaria bem.

Ela tinha-o visto antes da explosão, ao lado de Grey. Na comoção que a rodeava, aquela figura negra mantivera-se sobrenaturalmente impávida até desatar a correr.

Uma reação típica teria sido recuar ou fugir de um homem estranho a lançar-se sobre ela. Pelo contrário, enquanto ele se aproximava, Violet sentiu uma estranha urgência de *avançar* ao seu encontro.

Nada na aparência dele demonstrava segurança. Usava uma casa-castanho-escura, muito antiquada. Era alto, mas não demasiado alto. Robusto, mas não mais do que um trabalhador normal. O seu chapéu alto de feltro não tinha nada de assinalável, tal como o seu cabelo escuro e encaracolado e as patilhas até meio das bochechas. Rugas fundas evidenciavam exposição aos elementos durante muitos anos, e a certa altura da vida partira o nariz.

Noutro cenário, ela podia não ter dado por ele, como se fosse uma sombra ou um borrão desvanecido na sua visão periférica.

Exceto que, por acaso, ela olhara para os seus olhos. Mesmo quando não fazia a menor ideia da razão para ele a agarrar, nos segundos que passaram até à explosão — e mesmo aí — ela não tivera medo. Aninhando-lhe a cabeça na mão grande, protegendo-lhe o crânio da queda, ele manteve os seus corpos encostados. Quando afastara a boca do ouvido dela e a fitara, Violet tinha compreendido. Embora fossem de um tom banal de castanho, foram os seus olhos que lhe disseram que estaria segura, acontecesse o que acontecesse.

O olhar dele varreu-lhe o rosto, depois viajou pela extensão do seu corpo antes de virar a cabeça para examinar a multidão. A falta de expressão e a calma sobrenatural denunciavam a intensa vigilância nas profundezas do seu olhar.

— Está bem? — perguntou ele.

Ela estava bem?

Tinha passado tanto tempo desde que alguém a abraçara, para não falar de um homem por quem sentira uma atração instantânea e poderosa. Um milhão de pormenores encheram-lhe o cérebro: a forma do seu lábio superior, as pequenas gotas de humidade presas às suas pestanas, o ritmo rápido do seu coração.

Concentrou a atenção no calor envolvente do seu corpo, na sua pele despertando sob as mãos dele. Ele sentiria a sua reação? Estaria divertido ou aterrado?

— Obrigada pela sua coragem — disse Violet, falando para o plastrão

do homem que continuava a escudá-la contra o pandemónio. — Que sorte a minha, o senhor estar aqui — continuou. Relanceou as ancas de ambos, juntas, e corou. — Não *aqui*, onde repousa neste momento. Quero dizer, não... não estamos a repousar, evidentemente...

Ele permanecia em silêncio.

Ela pigarreou.

— Se fizesse o favor de me deixar levantar, eu estaria mais capaz de...

— Vou contar até três e levanto-a — disse ele. — Mantenha-se à minha frente enquanto nos dirigimos para oeste. Se alguém se aproximar, atire-se ao chão e proteja a cabeça. Um, dois... — Ao contar três, o homem pôs-se em pé de um salto e levantou Violet como se ela pesasse menos que uma pena. Desconcertante. Sob a casaca, ele era mais forte do que parecia. Examinando a multidão, deu-lhe mais um conjunto de instruções.

— Mantenha-se perto das paredes das casas. Agache-se o mais que puder sem tropeçar nas saias. Agora, vamos.

Ele não voltara a fitá-la. Livre do seu escrutínio, a sua sanidade regressou e Violet ficou parada. O Retiro de Atena era responsabilidade sua. Não podia partir sem garantir que as sócias do seu clube estavam ilesas e sem dar uma explicação razoável à imprensa.

— A explosão danificou-lhe os ouvidos, minha senhora? — perguntou ele, ainda examinando a multidão.

— A minha audição está perfeita, a minha cabeça está sã e os meus membros estão intactos graças a si, senhor. Não tenho ferimentos, apenas estou nervosa, por causa das explosões e da parte em que o senhor estava... hum... a repousar.

A não ser que tivesse, sem saber, sofrido uma lesão na cabeça? Que mais podia explicar a sua reação? Deixou escapar uma gargalhada nervosa, que morreu sob o olhar pétreo dele.

Violet engoliu em seco.

— Se bem que esteja grata, devo certificar-me de que mais ninguém está ferido. Se me dá licença?

— Não.

Violet pestanejou. *Fora* uma explosão sonora. Seria o seu salvador quem sofria de perda auditiva?

Levantou a voz para compensar os danos nos seus ouvidos.

— Vou por este lado — enunciou, apontando para o clube.

Um olhar opaco examinou-a, sem qualquer vestígio de expressão

que lhe desse a menor pista do que o homem pensava. Por razões desconhecidas, Violet queria que ele pensasse bem dela.

— Ouço-a perfeitamente — disse ele sem entoação. — A senhora não vai a lado nenhum que não seja comigo.

Violet soltou um gritinho quando o homem lhe deslizou um braço pela cintura e a levantou do chão. Nenhum homem respeitável arrastaria assim uma mulher, a não ser que tivesse intenções indignas. Ela nunca tinha sido alvo de intenções indignas. Uma vaga de excitação percorreu-a, logo seguida pela vergonha.

— Eu não sou ingrata. O senhor é corajoso e... — Violet dedicou um momento a apreciar a sua forma — bem-feito e cheiroso. Mas eu não tenho tempo para ser resgatada. — Virando-se nos braços dele, avistou o enteado. — Grey, podes explicar a este cavalheiro que não tenho tempo para ser resgatada?

Grey empurrou a multidão para se juntar a eles.

— Solta-a, Arthur. Não queres que as pessoas vos vejam e tirem conclusões precipitadas.

O homem, Arthur, pousou-a no chão sem aviso e ela cambaleou, mas ele estendeu imediatamente os braços e equilibrou-a. Segurando-lhe o cotovelo com um toque muito leve, transmitiu-lhe calor suficiente para a proteger do frio.

— Não lhe disseste que eu vinha — disse Arthur para Grey.

Grey torceu a boca para um lado, numa expressão familiar. Que estava ele a tramar?

— Ia chegar a essa parte quando desataste a correr — disse Grey. — A propósito, como sabias?

O homem grande ao seu lado ergueu muito ligeiramente os ombros.

— A minha função é saber. Vamos.

Violet manteve-se quieta, mas Arthur, educadamente, fez-lhe sinal para ir à sua frente.

— Por favor, por uma vez, deixe-me ser eu a resolver as coisas por si — disse Grey com um ar brusco, acreditando que mesmo que Violet tivesse ouvido a emoção por trás das suas palavras, não o mencionaria em voz alta. Quando ela não resistiu imediatamente, ele insistiu no seu argumento. — Se vier connosco, os meus agentes resolverão a situação aqui.

Ela pensou por um momento, depois abanou a cabeça.

— Isto não podia ter acontecido em pior altura. Não posso sair daqui enquanto os membros não estiverem todos em segurança.

— Prometo que a segurança de todos será assegurada — disse Grey.
— Além disso, impedirei que a Sra. Sweet se demita.

— Isso seria útil. — Violet enrolou o xaile em torno dos ombros. — Mas gostaria de uma explicação. Da próxima vez que isto acontecer...

— É por isso que estou aqui — disse Arthur. — Para garantir que não há próxima vez.

Muitos anos antes, Arthur fora segurança de um lepidopterologista. Não porque as borboletas tivessem algo que ver com o destino do Império Britânico. O cientista era filho de um general grego e alvo de assassinos envidos pelo sultão otomano.

A forma como o lepidopterologista examinava as minúsculas marcas dos seus espécimes tinha uma similaridade assustadora com a forma como as duas mulheres sentadas do outro lado da sala o observavam nesse momento, fixando-o com o olhar enquanto ele pegava numa bolacha com doce.

Uma das mulheres era alta e morena, a outra baixa e loura, e dividiam os seus olhares penetrantes entre Arthur e *Lady Greycliff*.

— Nem sequer vão notar que ele está aqui — dizia Grey. O homem mais jovem estava de pé no meio da sala, depois de ter feito uma gincana entre pilhas de livros, banquinhos acolchoados e mesinhas de chá com uma graça admirável, tendo em conta a sua grande estatura e o pouco espaço.

Indiferente à sua audiência, *Lady Greycliff* caminhava na direção oposta. Quando se moveu, o seu enorme xaile enfunou atrás dela, fazendo voar papéis e abanando as folhas das plantas à sua passagem. Uma energia frenética escorria dela, carregando o ar à sua volta. A sua atitude indicava que a energia era um efeito secundário dos seus *pensamentos*.

O género de pessoas que precisava de um guarda-costas era muitas vezes controverso ou desagradável. Arthur tinha pouca experiência em proteger os inocentes. A senhora parecia mais jovem do que os seus 30 anos; aqueles olhos grandes, que antes se tinham fixado nele, revelavam uma vulnerabilidade perturbadora. Era como se tivessem incumbido um gato de proteger um rato.

— Não posso ignorar a presença de um assassino em minha casa — exclamou *Lady Greycliff*.

Santo Deus.

Agora, os olhares das senhoras tinham passado da curiosidade intensa à desaprovação feroz.

— Não sou um assassino — disse-lhes Arthur.

— Parece um assassino — comentou a pequena loura feroz, a menina Letitia Fenley.

— Pois, mas não sou — garantiu-lhe Arthur.

Grey tinha-lhe contado em privado a ascensão da família da menina Fenley, de açougueiros humildes a proprietários do maior império comercial de Londres.

«A Letty Fenley não tem muito uso para dar à aristocracia, exceto quando contribuímos para os cofres da sua família», dissera ele. «Qualquer palavra que saia da boca de um nobre, ela interpreta-a como uma ordem ou um insulto.»

Isso poderia explicar a atitude irascível dela em relação a Grey. Contudo, pela forma como examinava o homem quando ele não estava a olhar, Arthur suspeitou de uma razão mais pessoal para o seu antagonismo.

— Se fosse um assassino, também não nos dizia — disse a mulher alta e bonita ao lado da menina Fenley. *Lady* Phoebe Hunt, filha de um marquês, era uma sensação nos círculos sociais londrinos. Uma mulher que falava alto e bom som, sobretudo em oposição a qualquer causa que o pai defendesse. Tinha maçãs do rosto altas e uma boca cheia, mas a sua característica mais dramática era o fantástico tom ametista dos olhos.

Arthur combateu a vontade de se remexer na cadeira.

— Se ele fosse um assassino minimamente competente, teria defrontado aquele bando de repórteres lá fora — comentou a menina Fenley. — Se eles não perseguissem a *Lady* Greycliff, ninguém saberia das explosões desta noite.

— Ele não é um assassino — disse Grey. Empinou e encolheu o queixo, em sinal de frustração. Há meia hora que tentava, sem sucesso, persuadir as mulheres a partirem. — É um *contra*-assassino treinado. O Sr. Kneland tem protegido figuras importantes da Europa e das Américas nas últimas duas décadas. Manteve Lorde Dickerson vivo, apesar do atentado contra a sua vida no ano passado.

— Esperem. O Dickerson não foi atingido a tiro? — perguntou *Lady* Phoebe. — Não abona muito a seu favor, os seus clientes estarem cheios de buracos de balas.

— Uma bala viaja a cerca de 250 metros por segundo — disse a

menina Fenley. — É preciso ter reflexos extraordinários para evitar uma, depois de ter sido disparada.

Lady Phoebe inclinou a cabeça.

— Ele não é jovem. Deve-se ter reformado por causa dos reflexos lentos.

— Teve um desconto por ele ser velho? — perguntou a menina Fenley a Grey. — O meu pai diz sempre que obtemos aquilo que pagamos. Não podia pagar um homem mais jovem?

— Eu estou aqui — notou Arthur. — Posso ouvi-la. E a bala passou através de mim para o Dickerson.

As mulheres pestanejaram de surpresa. *Tinham-se* esquecido dele.

Arthur transferiu o seu olhar para o teto e contou até 20, antes que dissesse algo de imperdoável.

— Silêncio, Letty — repreendeu *Lady Greycliff*. — O Sr. Kneland resgatou-me com muita eficiência esta noite. — As suas bochechas coraram e ele conteve um sorriso, lembrando-se das palavras que ela lhe dissera.

Bem-feito e cheiroso.

Já recebera elogios mais requintados, mas nenhum tão genuíno.

A menina Fenley cerrou os punhos nas saias.

— Podemos voltar ao tema dos motivos da sua presença aqui? — Fitou Grey com um olhar acutilante. — Membros do clube têm reportado homens estranhos a vaguear nos prados e no beco por trás do Retiro de Atena. Na semana passada, as janelas do laboratório onde a *Lady Greycliff* estava a trabalhar foram partidas com tijolos.

A filha de um comerciante devia sentir-se intimidada por um homem tão grande e bem-nascido como Grey. Apesar disso, a menina Fenley enfrentava-o em nome da sua amiga, falando-lhe diretamente.

— Isto começou quando *Lady Greycliff* concordou em ajudá-lo com o seu trabalho no governo, *milord*.

Grey apertou a ponte do nariz.

— Esse trabalho devia ser *secreto*.

Lady Greycliff estremeceu.

— Eu não lhes disse em que estou a trabalhar... apenas que é vital. Tinha uma dúvida sobre ácido sulfúrico e hidróxido de potássio, por isso consultei a Phoebe.

Grey suspirou.

— Claro.

— Depois surgiu aquela equação particularmente complexa, quando

considerarei a lei de Dalton, e quem melhor do que a Letty... — A senhora interrompeu a sua explicação quando lhe ocorreu uma pergunta. — Já te ajudei com o teu trabalho governamental antes, e ninguém descobriu. Porque seria diferente desta vez?

Arthur tinha a mesma dúvida. Examinou as amigas da senhora com desconfiança.

— Não sei bem. — Grey relanceou Arthur, depois afastou o olhar. — Mas não acredito que a explosão originada no segundo piso tivesse sido um acidente.

— O que quer que esteja a acontecer, deve parar — disse *Lady Phoebe*. — O Retiro de Atena vai realizar o seu primeiro evento público no fim do mês. Não podemos ter assassinos por aí à solta quando tentamos convencer a sociedade da nossa respeitabilidade.

Grey virou-se para Arthur, as palmas das mãos estendidas numa súplica.

— Consegues descansá-las? Tenho de partir esta noite.

Um camponês órfão das Highlands, criado por um familiar indiferente até ser mandado trabalhar, Arthur nunca tivera possibilidade de esquecer a sua posição na vida. No entanto, depois de duas décadas a viver unha com carne com os bem-nascidos da Europa, sabia melhor que ninguém que os títulos eram honoríficos vazios. Não tendo *pedigree*, aprendera a usar a intimidação silenciosa e um corpo bem musculado para atrair a atenção de homens e mulheres poderosos que, de outra forma, nunca lhe teriam prestado a mínima atenção.

Arthur pôs-se lentamente de pé, enviando uma mensagem. Sem dizer uma palavra, informou aquelas mulheres de que podia ser uma ameaça.

A vida de *Lady Greycliff* estava em perigo. Ele precisava que toda a gente aceitasse o seu comando. Aproximou-se da janela e fechou a cortina.

— A *Omnium Democratia* é uma organização ilegal de trabalhadores, formada no Nordeste e nas Midlands, que agora procura converter novos membros em Londres. Originalmente, faziam parte do movimento Cartista, defendendo uma reforma do Parlamento e o sufrágio para todos os homens.

— Claro que seria sufrágio para todos os *homens* — murmurou a menina Fenley.

Arthur verificou as trancas das janelas e franziu a testa.

— A *Omnium Democratia* ficou impaciente. Radicalizaram-se e não se opõem ao uso da violência para atingir os seus objetivos.

— Essa rale é só conversa e nada de ação, pelo que ouço dizer — opinou *Lady Phoebe*.

— Já passaram à ação — disse Arthur. — O seu último comício tornou-se violento. Quando os agentes chegaram, encontraram um novo tipo de arma.

— Uma arma? Os jornais falavam de fumo e confusão. — A menina Fenley olhou para *Lady Greycliff* com preocupação. — Estás a desenvolver uma teoria de gás pressurizado. Qual é a relação disso com os motins?

O rosto de *Lady Greycliff* iluminou-se de interesse enquanto explicava.

— Eles conceberam pequenas botijas contendo duas câmaras, cada uma com uma mistura de origem desconhecida. Se forem abanadas com força suficiente, a divisória entre as câmaras colapsa e os químicos combinam-se, criando um gás nocivo.

— Dependendo da quantidade inalada — disse Arthur —, os efeitos vão da desorientação e náusea a danos graves nos olhos e pulmões. Depois do ataque, dois polícias foram hospitalizados com problemas pulmonares e cegueira parcial. Um deles morreu na noite passada.

Lady Phoebe cobriu a boca, consternada.

— Porque é que os atacantes não ficaram também doentes? — perguntou Letty.

— No cimo está um sifão — explicou Grey —, como aquele criado por Antoine Perpigna para a água carbonatada. Os atacantes dirigiram os sifões aos agentes policiais.

— Descobri a composição do seu veneno — disse *Lady Greycliff*. — Neste momento, os polícias podem usar máscaras de proteção, mas o gás permanece. Qualquer transeunte azarado pode ser afetado. Tenho estado a desenvolver um composto que neutraliza o gás no ar, mas mesmo com a vossa ajuda, tem sido um processo lento.

— Os Omnis estão a empreender uma campanha fútil. — A menina Fenley abanou a cabeça, resignada. — A violência não forçará os nobres a terem consciência. Um ataque à sua fortuna teria mais impacto.

Grey olhou de cima para a menina Fenley.

— Enquanto a menina não conseguir destronar-nos, nobres sem moral, e virar do avesso séculos de tradição política, gostaria de evitar que outras pessoas sofressem. — Virando as costas à expressão carrancuda dela, falou para *Lady Greycliff*. — O Retiro de Atena tem cerca de trinta

membros. Todos têm família, amigos e mesmo criados que podem saber da existência do clube. Qualquer deles pode estar por trás da explosão.

Enquanto as amigas defendiam a impossibilidade de tal cenário, *Lady Greycliff* examinou as brasas que esmoreciam no lume. Um arranhão vermelho-vivo destacava-se na pele de marfim da sua face. Arthur duvidava que ela tivesse tido tempo para o limpar entre ir buscar chá para a vigília e acalmar os presentes assustados. Despedira-se de toda a gente com palavras de conforto e promessas de que tudo estaria como novo no final da semana.

Se Arthur tivesse pena dela, quebraria a sua regra fundamental: nunca sentir *nada* relativamente aos sujeitos das suas missões.

Era isso que esta mulher bonita devia ser para ele.

Uma missão.

— Enquanto *Lady Greycliff* desenvolve um antídoto — explicou Arthur —, vou protegê-la, assim como à fórmula. Far-me-ei passar por mordomo do clube, contratado para maior segurança à luz dos eventos desta noite.

Focou a sua atenção nas mulheres sentadas diante dele.

Durante o seu treino, muitos anos antes, aprendera que qualquer objeto podia ser uma arma.

Uma perna de cadeira podia ser um bastão ou uma espada. Um chapéu podia sufocar uma pessoa. Um gancho de cabelo podia inocular uma dose letal de veneno num coração.

Podia usar aquelas três senhoras para sua vantagem nesta missão. A chave era pensar nelas como objetos, como qualquer outra pessoa que entrava na sua vida.

Apenas um meio para atingir um fim.